

9 JUNHO | Feriado Municipal

(Montalegre – 2017)

Faz hoje 644 anos que, em boa hora, o rei D. Afonso III outorgou carta de foral a Montalegre.

Estava-se na primeira dinastia, a nação era ainda uma criança, e o reino dos Algarves, acabado de conquistar-se, configurava o retângulo que o mapa nos reserva e que faz do nosso país a nação europeia cujas fronteiras se mantêm inalteráveis há quase mil anos.

Vivia-se, à época, a questão suprema da defesa de fronteiras, do povoamento do território e de afirmação da identidade.

Ora foi à volta da superação destas necessidades, e como reconhecimento da maioria de pensamento do povo que habitava este rincão, que o rei Bolonhês concedeu a Montalegre tão importante estatuto.

Qual carta de alforria a outorga do foral representou o régio reconhecimento das capacidades das gentes de Barroso em servir o rei e orientar o seu futuro.

Começou aí a saga das políticas e dos políticos locais que, perpassando regimes os mais diversos, de inspiração monárquica ou republicana, em ditadura ou em democracia, com maior ou menor proteção divina, chega aos nossos dias, ao ponto em que nos encontramos, com a feliz coincidência de ser um ano em que os Barrosões vão ser chamados a fazer escolhas e a eleger aqueles por quem querem ser representados.

A única diferença entre o que agora se passa e a situação de há 700 anos é que, à altura, o alcaide era nomeado.

Agora, e bem, é sufragado.

Para além de ser democrático convenhamos que é também substancialmente mais fácil.

É mau grado todos os conhecimentos e a incapacidade de acudir a todas as situações, reconheça-se, que, hoje, é mais atrativo e melhor.

Estamos no tempo em que o calendário e o mercantilismo dedicam um dia a tudo e mais alguma coisa.

Só falta mesmo instituir o dia do pastel de nata.

Na verdade, hoje, tudo se comemora e consagra. Não sou adepto desta sanha comemorativa e consagradora que faz com que o bom e o louvável se equipare ao banal e até ao desprezível.

É até ridículo haver um dia consagrado à paz quando o mundo é um palco permanente de guerras mortíferas em que os indefesos são quem mais sofre. Digamos que é a fachada ou o folclore elevados à potencia máxima e de que a política se serve e dá costumeiros exemplos.

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

Outrossim defendo que o dia da Pátria, ou o dia do Município, devam ser dignamente comemorados.

E que sejam um dia de unidade, de concórdia, do dar-de-mãos, da reflexão introspetiva. O dia do reconhecimento e do testemunho da gratidão aos que dela sejam merecedores.

Se assim é, pois que se faça. E é o que estamos fazendo.

Honramos o percurso de dois ilustres barroões sendo que, cada um, a seu modo, se alcançou ao patamar do mérito e coletivo reconhecimento.

São barroões de carne e osso que estão na senda e na lógica de continuidade dos nossos de antanho. Daqueles que povoaram os castros, domaram animais, inventaram a roda, cultivaram terras e edificaram fortalezas, construíram as aldeias, vilas e cidades que nos deixaram como legado.

A História de Barroso e dos barroões está recheada de feitos e de glória.

Dos castros de Outeiro e do Lesenho sobram adornos e peças escultóricas que são atração dos museus da capital.

O aconchego do burgo onde as casas se concentrava e a que a cobertura de colmo dava o isolamento térmico que os elementos construtivos de agora estão longe de garantir saíram teses de licenciatura, mestrado, e de doutoramento com que se enriquecem curriculum e se constroem carreiras.

A igreja, soleníssima Instituição, que tanta importância teve no povoamento do território, instalou-se nas terras de Pitões e da Chã onde os monges de Cister e os cavaleiros da Ordem do Templo ensinaram o barroão inculto a defender-se dos infiéis e envolvendo-o na sacrossanta máxima do “ora et labora” o aprimoraram no amanho das terras, ou na domesticação dos animais com dobraram das leis da sobrevivência;

Somos herdeiros dos valentes de outrora que, saídos de Lapela se aventuraram na epopeia dos descobrimentos;

Dos raçudos que nos campos da Flandres verteram seu sangue pela pacificação da Europa;

Dos bravos que, sem preparação nem comando, deram luta aos franceses na ponte da Misarela;

Dos idealistas que se opuseram à entrada das tropas sidonistas aquarteladas do lado de lá da fronteira na defesa do ideal republicano de tanta ilusão e tão mau resultado ao princípio;

Da nobreza de carácter e grandeza de alma daqueles que em tempo de fome deram sustento e abrigo aos perseguidos da guerra civil espanhola;

Da estirpe e linhagem dos que na crise de 1383/1385 formaram a ala dos Reboredos e ao lado do Condestável garantiram a soberania e independência de Portugal.

Da coragem e combatividade dos que em 1915 se bateram em defesa das fronteiras do país barroão e anularam a deliberação do Senado de anexação de Salto ao concelho de Cabeceiras de Basto;

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

Herdeiros, por último, dos puros e dos esclarecidos que se renderam aos ideais de Abril enquanto ponte de futuro e porta-estandarte da esperança;

De permeio sobrevivemos à sangria de ver os jovens de Barroso ser carne para canhão na loucura africana – onde tantos tombaram – ou abasteceram as usinas de França carentes que eram de mão-de-obra barata;

Os reflexos desta saga são hoje mais visíveis que nunca:

São casas que se fecham, aldeias que se esvaziam, atividade comercial que fenece, futuro incerto, triste, sem esperança.

Para trás deixámos anos áureos de afirmação e de febril atividade agropecuária como foram os da campanha da batata de semente, da produção pecuária, do espírito gregário e de partilha simbolizado nas tarefas comuns da aldeia como eram a gestão da água, da vezeira, do forno do povo, ou o repositório de costumes e tradições de que não sobra mais que uma imensa dor e saudade.

São os laureados de hoje dignos continuadores da excelência que outros no passado souberam ser sem que aos mesmos fosse tributado público reconhecimento como a vós está a ser dado muito justa e merecidamente.

Nas artes, nas letras, na representação cénica, na benemerência, na política, na magistratura, no desporto, no ensino, no desempenho de altos cargos da administração pública, no sacerdócio, na cultura etc... em todas estas áreas soubemos estar, fomos grandes e tivemos dignos representantes.

Chegou hoje a vossa vez.

Cada um de vós, ao Vosso estilo e jeito, e no âmbito das funções de que fostes investidos, destes o melhor que podíeis e sabíeis.

Servistes o povo.

Honrastes a terra e a gente.

Outorgar-vos a Medalha de Honra do Município é a forma mais digna e civilizada de celebrar o dia em que todo o nosso potencial de povo e de região nos foi reconhecido.

É a forma mais excelsa de nos irmanarmos no sentimento de que o futuro a nós pertence e todos somos poucos para construí-lo.

Parabéns e bem-haja.

Montalegre, 9 de junho de 2017

○ Presidente da Câmara
Manuel Orlando Fernandes Alves